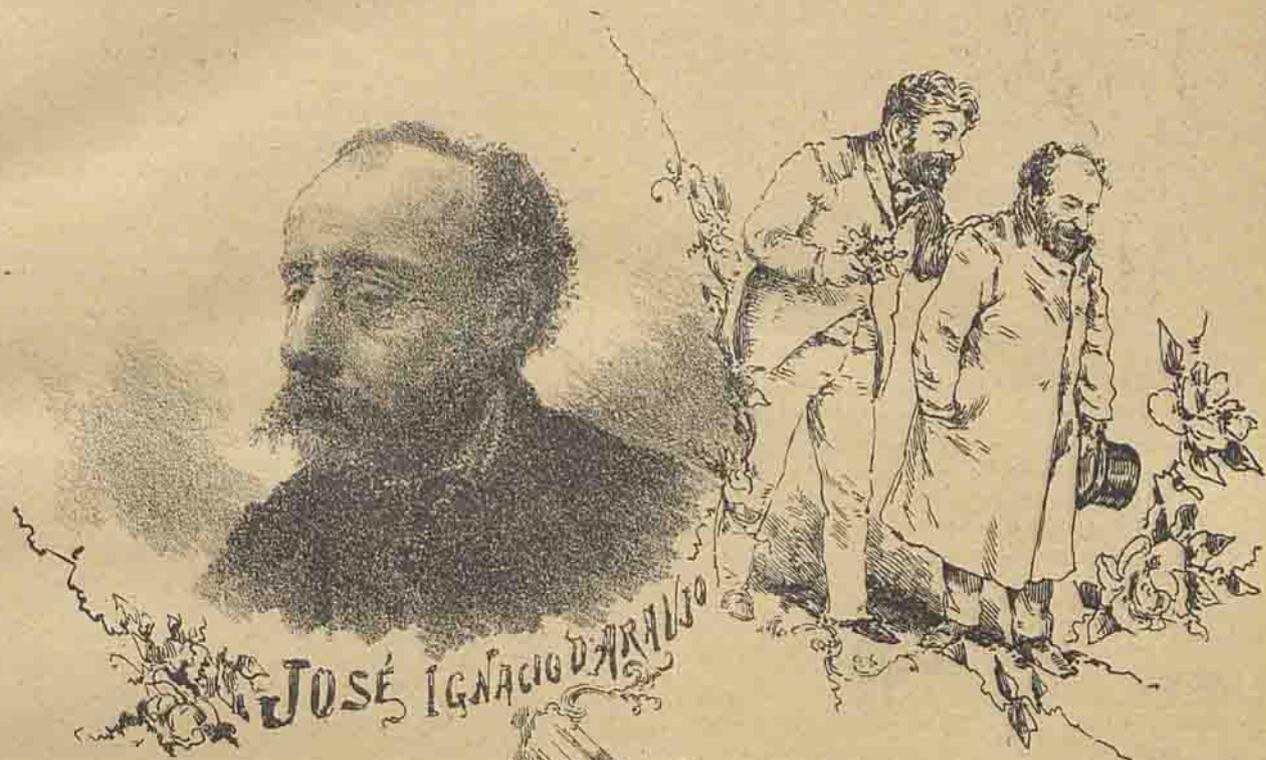


# SOCRATES E SUA MULHER



Esplendida a tradução feita por José Ignacio de Araújo da comedia de Banville, e que foi acolhida com applauso sincero pelo publico do theatro de D. Maria.

Elegante a edição que Paulo Plantier executou d'esse trabalho, realizado em grande parte mediante a sua iniciativa.



RAPHAEL BORDALLO P.

## Por ahí...



Lisboa vae comprehendendo enfim os seus deveres de capital civilisada e entrando resoluta no desempenho dos compromissos impostos a uma cidade que, além de ser de marmore e de granito, exerce commulativamente, na grande secretaria da Europa, o alto cargo de *a mais formosa entre as rainhas do Oceano*.

Ao tempo a que se escreveu aquelle bello periodo, que hade passar á historia, depois de ter passado por todas as chronicas mediocres, como esta que vae correndo; a esse tempo, digamol-o em abono da verdade, Lisboa não era talvez, positivamente, nem cidade de marmore, nem de granito, nem rainha do Oceano—muito menos com o premio de primeira classe no concurso de formosura.



Mas hoje, sim! Hoje póde chamar-se-lhe afoitamente uma cidade de marmore, visto que o marmore anda disseminado por toda a parte, desde o cemiterio, nos pantheons architectonicos dos barões mais dinheirosos, até o quarto de cama, nabanquinha de cabeceira dos amanuenses mais modestos.

E ninguem igualmente ousará negar-lhe a qualidade de cidade de granito, desde que a aguardente de hervadoce foi apeada do pedestal que lhe haviam erguido vinte gerações de piteireiros, para ser substituida pelo *granito... estomacal*.

Como rainha do Oceano, Lisboa antiga deixava da mesma forma muito a desejar.

Temos a certeza de que o Oceano vivia desgostoso sob a tutela d'uma rainha tão perliquitetes e que só o respeito devido ao bello sexo o impediu de ferrar dois pontapés no tournure d'essa rainha que o mau fado lhe metterá em casa.

Não ha embaredição que se não lembre muito bem de ouvir por vezes o Oceano rugindo furiosamente. Pois fiquem sabendo que rugia de desespero por não lhe apparecer um Manoel da Arriaga—que soubesse o officio de carpinteiro—para lhe levantar um cadafalse no Cabo da Roca, onde fosse guilhotinada a rainha do Oceano, mais todas as pessoas da sua familia!

Como rainha, em summa, não passava d'uma especie de rainha Jacintha, d'uma rainha que dançava o rasga, d'uma rainha preta.



Felizmente, com o andar dos tempos—e o pó d'arroz da civilisação—ella foi branqueando lentamente, e hoje se ainda não está tão branca como as faces alvinitentes do nosso sympathico amigo o dr. Alpoim Sequeira, esá o mtudo de cor para fazer mudar de dita ao sr. conselheiro commandante do partido da *Agua Morna*.

Deite o leitor um olhar retrospectivo para os fatos mais recentes e reconhecerá como Lisboa caminha a pár das cidades de primeira ordem.

Na arte teve a Patti e a Tuna Compostellana.

Na sciencia tem o Jardim com o seu balão dirigivel.

No commercio tem as novas redes de caminhos de ferro.

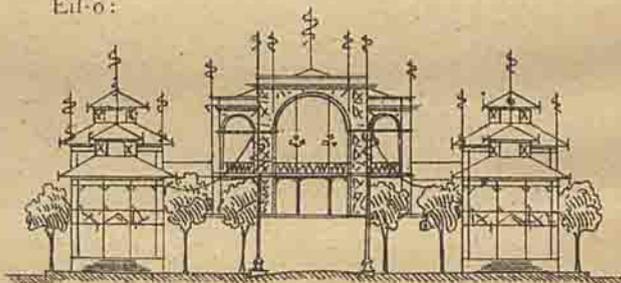
Na politica tem uma sociedade tenebrosa de anarchistas—tenebrosa á moderna, chancellando os seus omeçmentos com carimbo de borracha, em vez de os firmar com a ponta do punhal embebido no sangue das arterias, mas tenebrosa em todo o caso.

Na industria, finalmente, vae ter a Exposição Industrial.



E' ao fundo da Avenida, a bella Avenida onde Cupido passeia todas as tardes, ferindo de morte garbosos militares, que nem ao menos se defendem com o faim que lhes pende á cinta, e desabotoando irreverente os corpetes das donzellas para se ir anichar traquinas nos requincos de alma dos seus corações inexperientes; é ao fundo da Avenida, esse passeio magestoso onde Rosa Araújo tem, como vereador, o melhor dos elogios e, como commerciante, o melhor dos *restaurants*; é ao fundo da Avenida que vae erguer-se o palacio da Exposição, palacio de que o *Diario de Noticias* publicou o desenho, que passamos a *transcrever*, com a duvida venia.

Eil-o:



Como se vê, é um palacio áigno de figurar na mostra da *Agua de Ouro*, entre os artigos de melhor gosto ali expostos pelo sr. Pexe.

Porque esse palacio, como igualmente se vê, compõe-se d'um corpo central, com espelho, tesoura, dedal, agulhas de *crochet*, almofadinha de alfinetes e boceta para pastilhas de hortelã-pimenta, e de mais quatro corpos complementares, representados por outros tantos frasquinhos para essencias, do mais puro vidro, e guardando aquelle rigor symetrico que constitue uma das maiores glorias artisticas da fabrica da Marinha Grande.

Esses frasquinhos deverão conter:

- 1.º—Essencia de bergamota
- 2.º—Dita de *pat-chouli*
- 3.º—Extracto de alfazema
- 4.º—Dito de cravo de cabecinha.

Resumo: Uma succursal, em miniatura, do illustre chimico Robert.



Ou nós fazemos uma ideia muito falsa dos gostos nacionaes, ou aquelle modelo do palacio da Exposição, convenientemente adaptado a licoreiros, artigos de *toilette* e caixinhas para amendoas, podia ter um consumo fabuloso, para se offerecer de consoada por occasião das festas da Semana Santa que nos está batendo á porta.

Se ainda fosse vivo o *José das Caixinhas*, aconselhavamos o governo a que utilisasse o palacio da Exposição para modelo de caixinhas, encarregando o *José das Caixinhas* de fazer o modelo para o palacio da Exposição.

E acreditem que, tanto o palacio como as caixinhas, ambos ganhavam na troca.

*de Tavares*



## Gente fina



Cahiú-nos hontem de manhã no quarto de trabalho, cahindo-nos seguidamente nos braços, o nosso querido Marianno Pina. Não podemos dizer que cahissemos das nuvens ao vel-o, por isso que já o esperavamos, mas o que podemos é assegurar que elle nos cahiu do ceu, vindo como veio, desanuviar com as scintillações da sua bella palestra o nosso espirito embe-soirado n'um momento de fastio.

Além do alegrão da sua visita, Marianno Pina trouxe-nos mais o alegrão d'esta noticia: vae trazer-nos Sarah Bernhardt!...



Como se vê, nunca o texto d'esta chronica esteve mais d'accordo com a sua epigraphe: Marianno Pina e Sarah Bernhardt! A gente mais *fina* de que ha memoria, quer moral, quer physicamente considerada!

Que Marianno seja *bemvindo* e que Sarah seja *bemvinda*—independentemente do sacramento da chrisma, como diria Mendonça e Costa.

## Salões, palcos e circos



O theatro de *D. Maria* teve no ultimo sabbado um acontecimento litterario de primeira ordem, com a representação da comedia *Socrates e sua mulher*, esplendidamente traduzida em verso portuguez por José Ignacio d'Araujo.

José Ignacio d'Araujo é um original sem segundo. Original nos versos magnificos, original na vida despretençiosa, original no aspecto misantropo, original em toda a extensão da palavra.

Contemos, a largo traço, com o Socrates José Ignacio traduziu o *Socrates* de Theodoro de Banville.



Um dia, Paulo Plantier, o bello coração de artista que todos conhecemos, entrou-lhe pela loja dentro e disse-lhe, com o original francez em punho:

—Você vae traduzir isto em versos alexandrinos.

Ao Antonio Ignacio nunca lhe dera para fazer versos alexandrinos, mas que remedio... Elle sabia perfeitamente que Paulo Plantier, no caso de acquiescencia, tinha para corral-o as melhores rosas d'este mundo, mas não ignorava tambem que o mesmo Plantier, no caso de resistencia, tinha para soval-o uns murros que, em qualidade, não ficavam devendendo nada ás rosas...

Porque é a especialidade do Paulo: murros e rosas...

D'ahi, Jose Ignacio d'Araujo deu immediatamente o «sim»—com a esperanza das rosas e com o medo dos murros.

E pôz-se a fazer a traducção, sentindo de vez em quando as crispções d'um dynamometro que vê erguer-se ante si o punho ameaçador do mudo de Alcantara...

O que sahio d'esse trabalho disse-o e continúa a dizel-o o applauso entusiastico dos que viram e vão vendo a representação do *Socrates*—representação correctissima, em que se destacam os vultos de Augusto Rosa, Rosa Damasceno e Amelia da Silveira.

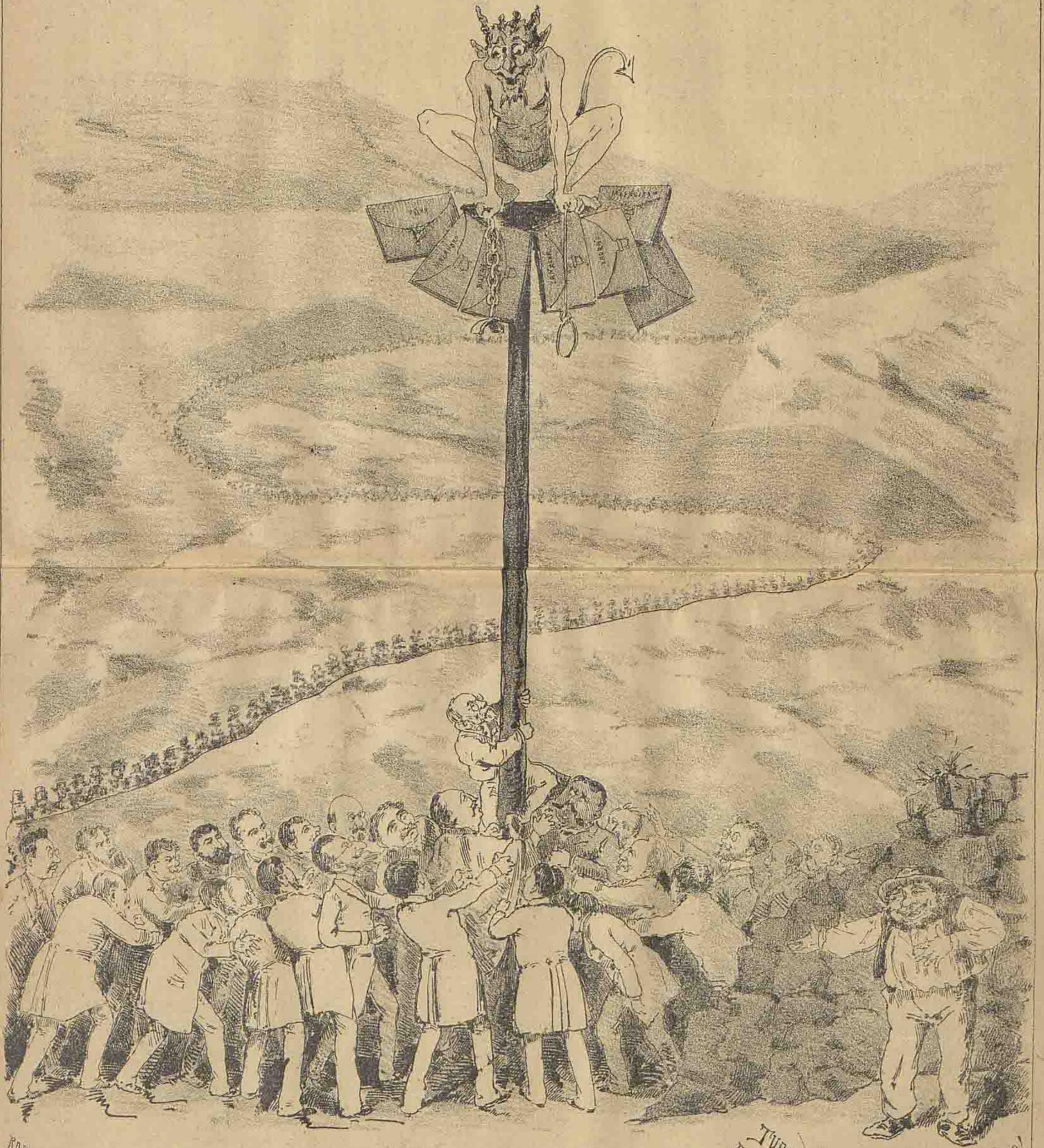
D'isto concluímos que os nossos poetas só deviam fazer versos com a promessa d'um bouquet de rosas e a ameaça d'uma seraivada de murros.

Fazendo versos a murro era talvez o unico meio de os não fazerem a martello.



No Gymnasio representou-se com applauso grosso e gargalhada pela bitola do applauso a comedia *Uma lição*, original de João Pequeno, o Coelho mais pequeno da coelheira do *Diario de Noticias*.

# A POLITICA



RAPHAEL BOPALLO PINHEIRO

TUDO PARA ME SALVAR... TUDO!  
E EU SEMPRE NA MESMA !!!

Todo o homem politico do nosso paiz é honrado, honesto, trabalhador, probo, virtuoso, etc.—antes de ser ministro. Depois de ministro passa a ser pulha, malandro, biltre, canalha, ladrão, assassino, incendiario, etc.

E, entretanto, todos os honrados, honestos, trabalhadores, probos, virtuosos, etc., não fazem senão diligencias para trepar, a vér se conseguem deitar a mão ao diploma de pulhas, malandros, biltres, canalhas, ladrões, assassinos, incendiarios, etc!...

Quem conhece o Coelho Junior, com aquelle todo maneirinho, aquella cara menineira, aquellas calças que parecem duas dedeiras de dedo mínimo, é capaz de o tomar por um rapaz de escola, que está pedindo lições como quem pede pão com manteiga para a bocca.

Pois fiquem sabendo que o Coelhoinho, em vez de tomar lições na mestra, nos dá pelo contrario uma excellente lição no Gymnasio.

E, se não acreditam, vão lá ver *Uma lição do Coelhoinho*.



No Colyseu debutou a *phoca sabia*, que ali trabalha todas as noites, trabalhando também os *gatos sabios*.

Esta aluvião de *brutos sabios*, no Coliseu, vem, até certo ponto, justificar o procedimento tumultuario do Parlamento na celebre sessão da murreça nas carteiras.

Uma vez que os brutos tomem  
Dos sabios o cocuruto,  
Não faz espanto que o homem  
Desça ás condições do bruto!...



## Politica em bolandas



O indigena tem uma fórmula original de classificar os incendios.

Se arde o predio todo e ficam feridos dez bombeiros e cheira a carne de gente assada na braza, o indigena exclama entusiasmadissimo:— Que grande! que mag-

gestoso! que bello incendio! Nunca na minha vida vi uma coisa assim! Que bello incendio!

Se, pelo contrario, o fogo se apaga logo ao primeiro bochecho da mangueira municipal, o indigena volta para casa muito desconsolado da sua vida e a lastimar-se com os seus botões:— Ora não ha uma borra-cheira assim! Mal empregado tempo! Se soubesse não tinha lá posto os meus ricos pés!



Para com os duellos, o indigena usa precisamente do mesmo processo de avaliação — talvez pelo motivo de ser o duello, na technologia popular, denominado como *fogo*... na freguezia do espinhaço...



E aqui está a razão porque o duello recentemente realisado mereceu ao indigena a classificação de—*magnifico*.

A nós também nos pareceu magnifico, sobretudo para exportação.

Expliquemos.

A avaliar pela maioria dos nossos duellos, em que não é raro os contendores ficarem apenas feridos na asa, durante o almoço que se segue ao desagravo no campo da honra, é natural que o estrangeiro formasse de há muito, sobre as propriedades do sangue peninsular, a mesma opinião que nós formamos do capilé de cavallinho, considerando-o como um refrigerante mais proprio para as garrafinhas do Estacio, de que para as veias d'uma pessoa.



Além d'isso, a chamada *Campanha das iscas*, ferida ha tempos entre municipaes e artilheiros, tinha dado ao estrangeiro uma triste ideia do valor da nossa milicia...

— Com a breca! diria o estrangeiro; andam em guerra, durante quarenta e oito horas, um regimento de artilheria e outro de cavallaria e ficam apenas feridos... dez paisanos?!...

Ora o recente duello, entre dois briosos officiaes, um da nossa armada e outro do nosso exercito, veio salvar, como o outro que diz, a honra do convento, no que toca ao valor da milicia nacional de mar e terra. Os combatentes tiveram apenas um quarto de minuto e por um triz que mutuamente se não abrem ao meio! Se lhes dão mais outro quarto, partiam-se em quartos!

E aqui está o motivo porque achamos este duello magnifico para exportação.



### À porta da Havaneza:

Um deputado da opposição censura o governo pela escolha do candidato ultimamente eleito:

— Que diabo! A opposição tem meia duzia de oradores de punho e a maioria não tem nem meio! Que idéa foi pois a do governo escolhendo o dr. Martinho Tenreiro, um deputado que não falla?

*Um defensor do ministerio:*

— O governo não quer palavras, quer obras; não precisa d'uma maioria que falle, precisa d'uma maioria que obre!

— Ah! Então explica-se perfeitamente porque escolheram o dr. Tenreiro: foi para receitar os laxantes...

*Cam-Tavandula*



## A matinée da Patti

Festa e caridade das mais primorosas—depois da *Festa e caridade* do sr. Thomaz Ribeiro.

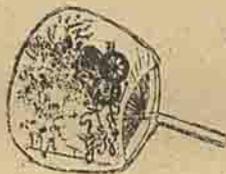
Caras da primeira sociedade—e da primeira qualidade—em todos os camarotes.

Bouquets em todas as mãos, sorrisos em todos os lábios.

Enchente á cunha. Dobradiças em toda a parte; na platêa e na luz electrica. Aquella com maior numero de casacas pretas; esta com maior numero de scintillações brancas.



Uma ovação real á Patti, e uma ovação sympathics ao rei.



## SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

AUGUSTO FORJAZ—*Saudação á Tuna Compostellana.*

Uma bella poesia, vibrante de mocidade em todas as estrophes, o que não admira, pois foi a mocidade que a inspirou e a mocidade que a escreveu.



LYTO MARTINS—*O Relogio, monologo em verso.*

Este Relogio produziu no nosso systema nervoso o effeito d'um despertador... O verso é tão apimentado que, quem trouxe o *Relogio* consigo, assim á laia de *relogio de algibeira* e o consultar a meudo, acaba por não saber ás quantas anda...



CYLLENE, BELDEMONIO, SATURNINO, LADISLAU, EUSTACHIO—*á Fateixa.*

Não mente ao titulo: é de levar coiro e cabelo.



JOSÉ IGNACIO D'ARAÚJO—*Sócrates e sua mulher.*  
Primorosa edição feita por Paulo Plantier, á bella comedia a que n'outro ponto nos referimos.



DAVID CORAZZI—*O diabo amoroso, volume IV da Bibliotheca Universal.*

Recommendamos este *diabo* a todas as pessoas de bom gosto e especialmente ao bello sexo. Um *diabo amoroso* deve por força ser amoroso como o diabo. E, por um tostão, não ha nada mais barato!



*Manoel Vaz Preto Geraldês*

## O partido da Agua Morna



Manoel Vaz Preto Geraldês  
A' *patrulha* agora torna,  
Percorrendo os arrabaldes  
Co'o partido da *Agua Morna.*

Encherà—como uma dorna  
Pouco a pouco, se enche a baldes—  
O partido da *Agua Morna,*  
Manoel Vaz Preto Geraldês.

.....  
Breve, oxalá, te engrinaldes  
De espadim, farda e bigorna,  
Manoel Vaz Preto Geraldês,  
Do partido da *Agua Morna!*...

## OS CASOS DA SEMANA



*Gustavo Bordallo Pinheiro*

No pateo do Prior um ladista esfaqueou o seu semelhante (sem afiançarmos que o esfaqueado fosse ladista.)

**Faca**

No parlamento o sr. José Luciano declarou mais uma vez que o governo — ficava.

**Fica**

No Coliseu debutou a Phoca sabia. Resumo, em tres palavras:

**Phoca**